

Agradecimento

Meus queridos amigos, minhas queridas amigas,
Meus familiares,
Meus irmãos e minhas irmãs em São Domingos,
Meus irmãos no sacerdócio,

É realmente muito grande a minha alegria neste momento. Como cantamos no salmo após a primeira leitura, cantarei sem cessar o amor do Senhor, porque ele olhou para a humildade de seu servidor.

A vocês agradeço imensamente não só pela presença nesta celebração, mas louvo a Deus por nos ter colocado uns nas vidas dos outros. Louvo a Deus pelo dom da vida e da amizade de cada um de vocês aqui presente. Louvo a Deus também por aqueles amigos e familiares que não puderam estar conosco hoje e àqueles que ao longo da última semana me enviaram diversas e belas mensagens, assegurando-me seu carinho e suas orações. Não há porque ter medo: tantos rezam por este frade.

Meu agradecimento a todos os que prepararam este belo dia. Não tenho palavras para agradecer tanto carinho e tanta devoção. Obrigado, de coração, a todos. Faço-lhes, ainda, mais um pedido: não vão embora antes que eu possa abraçar-lhes e agradecer pessoalmente. Muito obrigado. Agradeço minha família e amigos, pessoas que vieram de outras cidades, que se sacrificaram para comigo celebrar o dom que o Senhor, hoje, em mim faz à Sua Igreja. Muito obrigado. (Vejo que até nossas monjas saíram da clausura para estar conosco!)

Irmãos e irmãs, gostaria de fazer um agradecimento especial a meu amigo Dom Milton. Nestes dias, pude recordar com carinho sua presença em minha vida, desde os primeiros passos no discernimento vocacional, até o dia de hoje. Agradecendo a Dom Milton, gostaria de dizer a vocês o quanto sua vida me tem edificado: desde o final do ano passado, dócil ao Espírito Santo, ele aceitou vir para São Paulo, a fim de exercer seu ministério episcopal entre os mais humildes e esquecidos de nossa cidade. Deus lhe pague por tudo, “Padre Milton”.

Minha gratidão à Diocese de Jaboticabal por tudo o que me proporcionou. Com carinho, faço memória dos primeiros passos que lá dei. Agradeço a seu presbitério, especialmente aos padres hoje aqui presentes. Agradeço imensamente à Ordem dos Pregadores, que misericordiosamente me acolheu para, na Igreja e no mundo, como membro da família de Domingos, buscar e pregar a verdade. Meus confrades sabem o quanto lhes sou grato e como são importantes na minha vida; sabem o quanto sou feliz por fazer parte da família do Pregador da Graça. Meu agradecimento a todos os dominicanos e dominicanas presentes nesta celebração.

Por uma razão de justiça, devo agradecer publicamente, a todos os padres que me acompanharam ao longo destes anos de formação. Lembrando-me aqui das palavras de João Paulo I, agradeço a estes homens que, com suas palavras e com sua vida, me ensinaram e me ensinam como se ama, como se serve, como se trabalha e como se sofre pela Igreja de Cristo e pelo Reino por Ele anunciado. Muito obrigado.

Meus irmãos e minhas irmãs, devo agora pedir licença a meus confrades pelo que vou dizer: todos sabemos que o símbolo da Ordem dos Pregadores é cachorro. Até nos chamam *Domini Cani*, “cães do Senhor”. No entanto, nesta tarde, gostaria de evocar, nestas simples palavras que dirijo a vocês, um outro animal, do qual os evangelhos nos falam quando narram a entrada de Jesus em Jerusalém, como rei, como celebramos a cada ano no Domingo de Ramos: falo do jumentinho.

Dom Helder Câmara, quando certa vez recebeu o título de cidadão ribeirão-pretano, comparou-se ao jumentinho sobre o qual estava Jesus ao entrar em Jerusalém. O jumentinho pode pensar que as louvações, as palmas balançando, os panos jogados no chão para a passagem, as flores, sejam para ele. E na verdade, tudo é para o Senhor. Nós sacerdotes corremos o risco de esquecer que somos somente operários e não os donos da vinha, que levamos Jesus, e para Ele é a louvação.

Como João Batista, o sacerdote é chamado a se diminuir para que o Senhor apareça. Meu confrade Mestre Eckhart disse num de seus belos e estonteantes sermões:

O homem deve ser tão vazio de todas as coisas e de todas as obras, tanto interiores quanto exteriores, a ponto de ser um lugar próprio onde Deus possa atuar. (...) Nessa pobreza, o homem alcança [de novo] o ser eterno que ele foi e que ele é agora, e que há de permanecer sendo eternamente.

Um operário, eis uma das boas definições para o sacerdote, que é feito digno pelo Senhor a quem serve nos irmãos, com toda a sua vida, toda a sua inteligência, toda a sua força. Ele não se importa em servir, pois aceitou dedicar toda sua existência a Deus e aos irmãos, sobretudo aos mais necessitados; como cantamos quando preparamos nossas ofertas nesta Eucaristia, com as palavras de Santa Teresinha de Lisieux, ele é chamado a consumir sua alma e seu ser no Amor divino. Para ele, amar e servir são inseparáveis: ele ama servindo e serve amando. Seu servir só tem sentido no amar, e seu amar só ganha força no servir. Mesmo nas angústias, na solidão, nas incompreensões, o Amor de Deus sustenta seus operários.

Servos inúteis, tornados dignos pelo Senhor, que à nossa fraqueza, repito, à nossa fraqueza, entregou o dom de agir em sua pessoa, nós sacerdotes somos chamados a cada dia a renovar nosso sim ao exercer, dos mais diversos modos, o ofício do Amor.

Irmãos e irmãs, volto ao animal que citava, lembrando e fazendo minhas as profundas palavras de Santo Agostinho, ao orar em seu comentário ao Salmo 31: “como um jumentinho, um animal de tração, estou junto a Ti, e sempre estarei”.

Irmãos e irmãs, gostaria de terminar este agradecimento com uma oração, composta pelo Cardeal John Newman, que expressa meus sentimentos neste começo do exercício do ministério a mim confiado:

“Senhor Jesus,
Não fiques escondido dentro de mim!
Olha pelos meus olhos, ouve pelos meus ouvidos,
Fala pelos meus lábios, oferece-Te através de minhas mãos,
Caminha pelos meus pés...
Que minha pobre presença humana faça lembrar, pelo menos de longe,
Tua divina presença!”
Amém!